

## CONTO E RECONTO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O USO DE ESTRATÉGIAS VISUAIS NO LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS

Alessandra Scarpin Delmar<sup>110</sup>

LER EM LIBRAS



Neste artigo estamos focados nas práticas pedagógicas, e irei detalhá-las desde a minha entrada como ouvinte bilíngue, tradutora e intérprete de Libras, estudante de Pedagogia do Departamento Superior de Educação (DE-SU), no campo de atuação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Na Monografia em Libras existe uma contação de história e leitura do livro “Feijãozinho Surdo” da forma como se daria para famílias e professores ouvintes que desejam realizar um primeiro contato, de conto e reconto de

---

<sup>110</sup> Como ouvinte bilíngue faço parte desta luta pelos direitos da comunidade surda. Apresento-me como pesquisadora e aluna do Curso de Pedagogia Bilíngue do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Também sou intérprete de Libras concursada no ano de 2013 e trabalho dentro do Instituto no Departamento de Educação Básica (DEBASI).

história, para crianças surdas. Fica registrada a importância de acesso ao Capítulo 3 e anexos desta Monografia em Libras a partir do QR CODE ao final.

### **Metodologia da Pesquisa**

Aos poucos vai se ampliando o contato entre línguas e uma maior fidelidade ao texto em Libras, o escrito em português e à leitura completa e complementar de imagens e textos (em português e Libras). A aparelhagem de pesquisa para o registro das atividades foi o uso de câmera e máquina fotográfica direcionada ao palco e apenas voltada aos alunos da graduação do DESU. Devido à condição ética da pesquisa, em momento algum, as crianças têm os seus rostos focados, fotografados ou filmados de frente. Somente usamos silhueta e posição de costas. Mesmo a Escola Básica tendo a autorização de imagem de seus alunos, temos consciência de que esta não se aplica à pesquisa. De qualquer modo, tivemos o cuidado de enviar ofício (interno) entre Departamentos explicando toda a atividade.

Colocamos em prática as teorias aprendidas. Experimentamos, através do conto ou “contação” de histórias, avançar um pouco mais em registros de estratégias do letramento de surdos. O objetivo da filmagem e da fotografia foi também colaborar com o registro de técnicas do conto de histórias no grupo de pesquisa “Educação, mídias e comunidade surda”, do DESU-INES, registrado no CNPq, que pode ser acessado pelo site de Grupo de Pesquisa no seguinte endereço: <https://edumidiascomunidadesurda.wordpress.com>

### **Materiais didáticos**

Os materiais para as histórias foram feitos pelas mãos habilidosas de alunos de variados períodos da disciplina de Educação Bilíngue, no período de fevereiro de 2015 até fevereiro de 2016. Os materiais de papelaria eram simples e de variados tipos, com o objetivo de dar às crianças a experiência de pegar, tocar e perceber diferentes texturas. Além disso, mais a frente esses materiais simples se tornavam projeções de sequência de imagens ou pequenas animações, a depender da história construída em grupo.

## Produção do material didático

Conforme já dito, os materiais eram simples e de fácil confecção. No entanto, a discussão para elaboração de cada um foi demorada, pois suscitava todas as informações sobre visualidade, letramento visual e manuseio dos materiais pelas das crianças. Para a história “O Feijãozinho Surdo” foram três tipos de bonecos e cenários diferentes: de papel (2D); de balão de gás (3D); de pano feltro (2D).

O cenário e os personagens de papel eram feitos de cartolina com varas, e havia a presença de poucas cores e linhas nos contornos. Ao final as crianças puderam brincar com todos os personagens, conforme veremos.



Figura 1 foto de manuseio de personagens

Os bonecos feitos de balão de gás eram obtidos pelos seguintes ingredientes e materiais:

- O balão de gás era preenchido com farinha de trigo (dentro);
- Uma garrafa pet cortada era usada como funil para encher o balão com a farinha de trigo (depois tirar todo o ar de dentro e amarrar);
- Decoração de cabelo de lã ou fitilho e olhos de papel.



Figura 2 foto do feijão feito com balão de gás

Os bonecos e o cenário de pano tipo feltro permitiram o manuseio das cenas de dia e de noite, trocando os cenários conforme as ilustrações do livro “O Feijãozinho Surdo”. Observemos o cenário e os bonecos: a mãe feijão, o pai feijão e o feijãozinho como são de fácil manuseio para brincar, principalmente, a estratégia de trocar dia pela noite.



Figura 3 foto manuseio dia e noite

As crianças ficaram livres para brincar com os cenários, sentadas no chão acarpetado do auditório do DESU.



Figura 4 foto de crianças brincando com cenários

### Etapas da prática

No primeiro momento, foi feita a contação da história “O Feijãozinho Surdo” em língua de sinais por um aluno surdo de Pedagogia, por um tempo médio de 20 minutos. Ele usou como apoio visual o cenário com os personagens em varas.



Figura 5 foto de Pedagogo Surdo mostrando a capa do livro



Figura 6 foto fazendo sinal de personagem principal

As apresentações aconteciam em dois turnos, manhã e tarde, e a duração da atividade era de 50 minutos. A divisão média do tempo foi a seguinte:

1º momento de contar história com narrador e personagens em até 20 minutos de duração;

2º momento do reconto por meio de vídeo curto em até 10 minutos de duração;

3º momento livre com atividades de reconto da história, análise da compreensão da história com brincadeiras em até 20 minutos de duração.

### Descrição da primeira etapa

A contação da história “O Feijãozinho Surdo” aconteceu no auditório do DESU e foi feita, prioritariamente, no prédio do DESU que fica dentro do próprio INES, mais ao fundo. Para chegar ao nosso prédio os alunos caminham por um pequeno caminho interno, com movimentação de carro e pedestres, em segurança, e avistam terreno arborizado e o prédio do DESU, o que causa a elas, na nossa impressão, a sensação de passeio e de novas descobertas.

Esperamos no térreo para recepcionar os professores e as crianças e acompanharmos a subida pelas escadas, pois consideramos esta forma ser mais segura do que transitar por elevador. Estivemos também abertos para acolher e respeitar a orientação dos professores, dando a devida atenção e a melhor condição de acesso que para alguns fossem de elevador.

A recepção foi feita com as boas-vindas em língua de sinais. Juntos seguiram para o auditório conversando com os alunos percebendo cada criança.

No auditório, uma aluna do DESU deu boas vindas e apresentou o material que seria usado na contação de histórias, permitindo que as crianças observassem o cenário, e mostrou o feijãozinho de bola de gás.

No começo, depois de capturada a atenção dos alunos e após esse breve contato e aguçamento da curiosidade, o Pedagogo Surdo do DESU, Thiago Reis, começou a contar a história em Libras com as crianças sentadas confortavelmente.



Figura 8 foto Thiago Reis narrador

É neste ambiente de Educação Bilíngue, desde a Educação Infantil, que é preciso ter a devida atenção para algumas características das Pedagogias Surdas. Mostrarei algumas provas de estratégias surdas desenvolvidas no programa de Leitura Compartilhada (LEBEDEFF, 2007) e expressas nos 15 princípios que foram detectados. Aliadas aos princípios, foram ajustadas as características que ajudam o desenvolvimento da criança surda conforme mapeamento das Pedagogias Surdas (LADD & GONÇALVES, 2011). Detalharei alguns deles:

1ª) *Fornecer um ambiente positivo*, ou seja, oferecer um ambiente seguro e com apoio, no qual a criança sinta que os adultos são atenciosos, carinhosos, ofereçam o olho no olho, o sorriso na recepção e a comunicação em Libras para que a criança esteja confiante para se expressar e aprender.



Figura 9 foto de um ambiente positivo

2º) *Traduzir a história usando língua de sinais.* Podemos perceber a importância do sinalizador surdo para a contação de história. São observadas as configurações de mão, movimento, ponto de articulação, as expressões claras, pois o educador necessita ter sua sinalização bem didática, dentro da faixa etária, mas sem subestimar o potencial de aquisição de sinais novos. Para as crianças entenderem o contexto e usarem dos recursos dispostos, no cenário, foi imprescindível a didática do sinalizador. A imagem abaixo mostra um exemplo da clareza do sinalizador surdo em sua expressão corporal e facial.



Figura 10 foto sobre a clareza do sinalizador

3º) *Ajustar o estilo do sinal,* ou seja, ajustando-o de modo a combinar com a história; usar a criatividade das expressões exageradas, mostrando os sentimentos e questões para provocar o público, conforme verificada na foto a seguir.





Figura 11 fotos de expressão exagerada para provocar questões

O uso do corpo para dar significado à história, por exemplo, é visto quando o aluno Thiago Reis (narrador) faz o classificador de “grávida”; exagerando na expressão, ele escolhe intensificar o sentido para dar significado a cena. Ele usou também o recurso de classificador “gordo”, inflando as bochechas e exagerando no corpo para frente.



Figura 12 foto usando classificador de grávida com expressão exagerada

Outro exemplo de ajuste do estilo do sinal ocorreu quando o narrador surdo falou que “o feijãozinho se transformou em um sinalizante da Libras”; ele não usou somente o sinal de “mudar”, “transformar”, mas também “girou o corpo”. Ele usou o sinal correto, depois o movimento de girar o corpo exageradamente. Ele fez: sinal de transformar duas vezes mais movimento exagerado com o corpo.



Figura 13 foto girou o corpo exagerando no movimento

O aluno surdo explicou que “o feijãozinho ficou feliz em conhecer a Libras”; ele não fez somente o sinal “feliz”, mas incorporou o personagem e “pulava de alegria”.



Figura 14 foto reação das crianças

4º) *Usar estratégia de manutenção da atenção.* O aluno Thiago Reis, contando a história, sempre chamavam a atenção através de contato físico: batendo as mãos nas mãos das crianças, pulando, realizando as expressões de espanto e admiração; ele usava de expressões fortes.



Figura 15 duas fotos chamando atenção por contato físico e expressão

O uso da estratégia de manutenção da atenção sempre era acompanhado de recursos a mais, providenciados também pelos alunos manipuladores dos personagens, para chamar atenção aos sentidos da cena.

Agora mostrando a expressão “como” observemos que as crianças chegam todas com o corpo para frente e se mostram atentas.



Figura 16 foto pergunta “como” e crianças chegam para frente

5º) *Usar o contato visual para que a criança participe.* O narrador olhava para as crianças e se comunicava com o olhar; fazia expressões de perguntas e exclamações, conforme já demonstrado. Como resultante, as crianças participavam antecipando alguns sinais; um exemplo disso foi a criança dizer que “o feijãozinho era um menino” usando o sinal de “homem” no momen-

to certo que foi, imediatamente, capturado visualmente pelo adulto surdo que confirmou a sua resposta.

6º) *Conceitos conectados a vida da criança.* No momento em que o adulto surdo disse que “o feijão entrou na escola de surdos”, ele, o próprio narrador, se escondeu e trocou de roupa e voltou vestindo o uniforme do INES. Desta forma, o adulto surdo trouxe a história do livro para o mundo de vivência das crianças surdas do INES, pois vestia o mesmo uniforme que elas. Quando as crianças viram o uniforme igual ao delas, começaram a se expressar fisicamente, com sons, “gritinhos”, e mostrando o seu próprio uniforme e apontando para o contador de histórias usando e aplicando também o sinal do “INES”.



Figura 17 fotos do adulto surdo com o uniforme do INES

Este é um exemplo de estratégia surda, pois trouxe a história para a realidade das crianças, onde elas puderam se identificar através da contação contextualizada em sua língua. Assim elas podem aprender melhor os conceitos que ganham sentido na realidade de vida delas, facilitando sua leitura de mundo.

7º) *Tornar explícito o que está implícito.* Tornar claro o que as crianças pequenas talvez não compreenderiam sem o auxílio do adulto surdo. Neste breve exemplo, a foto torna claro que o feijãozinho surdo está imerso no mundo ouvinte, onde a professora mexe boca, falando e oralizando, na escola de ouvintes; o sinalizador, então, materializou a “boca falante” por meio das mãos “blá, blá, blá” e ele (narrador), se abaixava, diminuía a sua própria altura, e fazia expressão e sinal de “não entender”, “não sei”.



Figura 18 foto se posicionando e diminuindo o seu próprio tamanho

### Descrição da segunda etapa

#### 1º) Compreensão da sequência

O segundo momento foi do reconto feito por meio de um vídeo que os alunos do DESU gravaram somente com a imagem do material, sem a língua de sinais. Apenas o vídeo sem narrador, só movimento dos personagens manipuláveis tornando também os manipuladores invisíveis, ou seja, foi produzida uma Animação em vídeo. O reconto é importante para criança gravar ou compreender melhor a sequência da história, os acontecimentos, o começo, meio e o fim.



Figura 19 uso do telão para a compreensão da sequência

O vídeo foi projetado de forma bem ampla no telão e está disponível no site do Grupo de Pesquisa “Educação, mídias e comunidade surda” e também no seguinte endereço de *Youtube* da aluna do DESU que editou a

Animação, Pérola Juliana de Abreu Medeiros:

<https://www.youtube.com/watch?v=lzl68ehobm8>

## 2º) Fazer demonstrações

Mostramos o vídeo de Animação em que apareciam apenas os personagens sem narrador e sem manipuladores de personagens, propondo o reconto livre pelas crianças e também o reconto dirigido por adultos, refazendo a sequência para demonstrações, à frente, juntamente com as crianças.



Figura 20 vídeo bem amplo no telão beneficiou surdo com baixa visão

## 3º) Repetir sinais, se apropriar dos sinais

As crianças assistiam ao vídeo e faziam os sinais, repetindo os sinais de “feijão surdo”, outros faziam o classificador de “coração” mostrando que o papai feijão e a mamãe feijão namoravam; os sinais que o adulto surdo usou também foram se incorporando aos seus discursos. Os sinais foram aparecendo ao longo do reconto de forma mais próxima do que fora realizado pelo adulto surdo – e introduzidos também por outros adultos surdos e ouvintes bilíngues presentes durante a mediação.

Percebemos que as crianças compreenderam a história e a estratégia surda de fazer demonstrações para a apropriação de sinais. Não foi uma pesquisa com métrica apropriada (e método quantitativo) para a contagem de sinais prévios – antes do conto – e a posterior verificação da ampliação vocabular, demandando nova contagem, mas a melhoria na qualidade das intervenções das crianças era perceptível.



Figura 21 levar o aluno à frente para fazer demonstrações

Ter estratégias surdas é importante, visto que o ensino padrão em que crianças permanecem sentadas durante toda a explanação não funciona com surdos. Levar criança a frente para fazer demonstrações é uma iniciativa essencial. O adulto mostra como a criança pode incorporar o personagem, narrador e começar a interagir com o cenário na sequência da história.

### Descrição da terceira etapa

O terceiro momento foi livre, no qual as crianças puderam tocar vários tipos de materiais, como o livro, os personagens e os cenários. É nesse momento que é feita mais uma análise da compreensão da história, ainda que sem uma métrica quantitativa, anotamos as possibilidades de intervenção livre das crianças.

Pudemos perceber a importância da sensibilidade tátil, sensorial, do toque, da visualidade e do uso do corpo todo para a aprendizagem e significação dos conceitos. As crianças se mostraram muito curiosas, tocando e trocando entre elas e os adultos vários sinais.



Figura 22 crianças a frente do painel para narrar

Possibilitar que o adulto bilíngue motive as crianças a fazerem a narrativa, contar a história reforça a ideia de fazer as demonstrações na própria compreensão de criança.



Figura 23 crianças incentivadas a fazer demonstrações

As crianças puderam demonstrar livremente o que compreenderam, responder perguntas e mostrar a sequência; foi nesse momento que verificamos que o aluno surdo procura o olhar do adulto para confirmar o acerto, para ajudá-lo na encenação.





Figura 24 adulto surdo motiva as crianças a sinalizarem

Na troca de cenário “noite” feito pelas crianças, elas mesmas inventaram de colocaram os feijões para dormir, portanto, sinalizaram “colocar cobertas”, “dormir” e, portanto, fizeram uma ampliação de vocabulário e de conhecimento de mundo. Sinalizaram perfeitamente “noite”, “colocar cobertas” e “adormecem os feijões”.



Figura 25 duas fotos com o cenário da noite colocam feijões para dormir

Outro exemplo que foi bem interessante. Uma menina surda pegou o livro e correu para frente de um cenário para procurar em suas páginas quais cenários estavam sendo representados pelos colegas e adultos que mediavam a brincadeira. Acompanhando a brincadeira, refazendo mentalmente, na imaginação, a menina surda comparava o livro, o cenário e a sequência da história.



Figura 26 percepção do livro para organizar a brincadeira

Várias crianças passaram as páginas buscando as cenas e tentando recontar ou responder questões de um amigo adulto, percepção que vai também da brincadeira para o livro.



Figura 26 percepção que vai da brincadeira para o livro

Mesmo que alguns apresentassem mais desenvoltura do que outros, a totalidade de crianças se sentiu estimulada a fazer demonstrações de reconto. Na foto, um aluno com o apoio de uma aluna surda, de pedagogia, sentada com o livro. A criança bem à vontade com adultos surdos e ouvintes bilíngues

## Conclusão

A leitura da história completa foi o mais fiel possível ao vocabulário presente no livro, que é previsto no Projeto de Leitura Compartilhada. É entendido que se deva, a partir da contação de histórias, ir ampliando o equilíbrio entre a Libras, L1, e o português escrito, L2. É necessário equilibrar também as pistas visuais: cenário, personagens e imagens. Nos objetivos dos 15 princípios, podemos ver a importância de sair do conto e reconto para, além disso, focalizar a leitura da história e o letramento em L2.

Contar, recontar e depois trabalhar a escrita da língua portuguesa, mostrando no livro que também tem a escrita- um dos princípios da leitura compartilhada é “elaborar sobre o texto” mostrando a importância de tornar o texto claro, comparando a língua de sinais e a escrita.

Entendemos que é necessário unir a teoria com a prática para desenvolvermos meios adequados no letramento de crianças surdas, favorecendo a visualidade como base no processo de ensino aprendizagem, o manuseio dos materiais, a ludicidade e a narrativa em Libras desde a Educação Infantil nos interessa no processo de leitura.

## REFERÊNCIAS

- CAMPELLO, A. R. e S. *Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos*. 2008, 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- LADD, P.; GONÇALVES, J. C. do A. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed ULBRA, 2011.p.1-25.
- KARNOPP, L. B. & PEREIRA, M. C.C. Concepções de leitura e de escrita na educação de surdos. In: LODI, A. C. B et al. (Org.). *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.125-133.
- LEBEDEFF, T. B. Alternativas de letramento para crianças surdas: uma discussão sobre o *Shared Reading Program*. *Anais da 30ª Reunião Anual da Anped*, 2007.p. 1-14.
- LEBEDEFF, T. B. Estudo da compreensão de histórias infantis em língua de sinais por crianças surdas. *Seminário Internacional as redes de conhecimento e a tecnologia: imagem e cidadania, Anais em 2 CD-ROM.*, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003. p. 1-18.
- MOURÃO, Cláudio. *Adaptação e tradução em literatura surda: A produção cultural surda em língua de sinais*. UniRitter/CESF, 2012.p.1-18.

PEREIRA, M. A aquisição da língua(gem) por crianças surdas, filhas de pais ouvintes. In: FERNANDES, E. (org.). *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 81-86.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 67-101.

TAVEIRA, C. *Por uma Didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. 2014, 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.